



XXXIII Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

A importância do uso de artefatos culturais como recursos pedagógicos na alfabetização, nas perspectivas de Vygotsky e Freire

Aluna: Giovanna Antunes dos Santos - FE - UNICAMP

Orientadora: Prof.^a Ana Lúcia Horta Nogueira - FE - UNICAMP

Palavras-chave: Alfabetização; Artefatos Culturais; Relações de Ensino; Rede Estadual de Ensino; Vygotski; Freire.

1. OBJETIVOS

- **GERAL:**

O projeto tem como principal objetivo investigar o processo de alfabetização de alunos entre 6 a 8 anos, de uma escola pública da região de Campinas, buscando compreender como se fazem presentes os artefatos culturais nas práticas pedagógicas e como medeiam as relações de ensino durante o processo de alfabetização, com base nas teorias de Lev Vygotsky e Paulo Freire.

- **ESPECÍFICOS:**

- I. Definir o que são artefatos culturais e os diferentes tipos existentes;
- II. Compreender e aprofundar os fundamentos teóricos de Lev Vygotsky e Paulo Freire acerca do processo social de alfabetização, tendo em vista observar e analisar como os artefatos culturais podem ser utilizados em forma de recursos pedagógicos e incorporados nas práticas de alfabetização;
- III. Observar, através de idas às escolas, quais artefatos culturais estão presentes nas práticas de ensino alfabetizadoras do contexto observado e como são recebidos pelas crianças;
- IV. Descrever quais artefatos culturais apareceram nas observações, e em quais contextos;

- V. Questionar a origem dos recursos utilizados em sala de aula e de que forma foram selecionados, acolhidos e trabalhados pelos docentes;
- VI. Destrinchar qual o impacto das plataformas digitais utilizadas na rede estadual no processo de alfabetização;
- VII. Avaliar a possibilidade de inserção de novos tipos de artefatos culturais nas práticas alfabetizadoras;
- VIII. Refletir sobre o papel do educador como articulador entre os artefatos culturais e a organização do trabalho pedagógico de alfabetização para além da escola, segundo os conceitos de Vygotsky e Freire;

2. DESCRIÇÃO DA PESQUISA

A metodologia escolhida baseou-se nas obras “Metodologia do Trabalho Científico” de Antônio Severino (2014), onde o autor apresenta os conceitos de abordagem qualitativa e quantitativa, e “Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas”, de Menga Ludke e Marli André (1986), capítulo 3, no qual foram disponibilizadas orientações específicas acerca dos métodos de coleta de dados - observação, entrevista e análise documental.

Nesse contexto, foi adotada uma abordagem qualitativa pautada na pesquisa participante, permitindo a compreensão dos fenômenos observados durante as idas na escola, e a análise detalhada das práticas pedagógicas e artefatos culturais envolvidos no processo de alfabetização. As observações em campo foram realizadas durante os meses de novembro e dezembro de 2024, em uma escola estadual do município de Campinas, distrito de Barão Geraldo, e os participantes deste estudo foram alunos da faixa etária de 6 a 8 de uma escola pública da região de Campinas em processo de alfabetização, bem como a docente que ministra aulas para esses alunos.

3. RESULTADOS OBTIDOS

Ao longo das visitas em campo, estive em contato com diversas práticas pedagógicas de alfabetização. Uma das constatações iniciais da pesquisa foi que muitas dessas práticas ainda se limitam às formas engessadas de ensino da leitura e da escrita, fato que se relaciona diretamente ao contexto da rede estadual de ensino, que define e impõe o uso de materiais e atividades específicas no espaço escolar. Coloco em evidência, num primeiro momento, o ato de copiar palavras da lousa, que apareceu como principal estratégia de trabalho com a linguagem escrita: a professora utiliza esse recurso em consonância com os demais conteúdos trabalhados no material didático estadual, sempre aproximando o tema do banco de palavras com algo que já foi ou está sendo visto pelas crianças. Nesse sentido, retomo que a criança se apropria, em seu meio histórico-social e mundo individual, de inúmeros tipos de conhecimentos que podem (e devem) ser potencializados através da escola e das práticas de ensino a que serão expostas. Portanto, quando as palavras são usadas e, principalmente, *escritas* de forma descontextualizada - e, com descontextualizadas, me refiro ao meio cultural em que os alunos estão inseridos - a escrita esvazia-se de significado, se tornando uma reprodução gráfica que se afasta de sua função comunicativa e cultural. Não há sentido em tratá-la como “fim”, quando se trata de uma poderosa ferramenta de expressão e de *leitura do mundo*, considerando que a criança em fase inicial de educação deve, como função principal da alfabetização, habilitar-se e ser habilitada para compreender os elementos do meio em que vive, pois “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra, e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.” (FREIRE, 2003, p.13)

A autora Ana Luiza Smolka, em sua obra “A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo” (1999), quando aborda questões sobre sala de aula e

relações de ensino, promove uma reflexão acerca de como são constituídas as interações pedagógicas, ressaltando a necessidade de se questionar quem, faz o quê, a quem, onde e quando durante a execução das práticas pedagógicas. Nesse sentido, é fundamental discutir o “como se ensina” e “em que condições se ensina” no contexto da escola pública estadual.

Para tanto, Oliveira e Dias discorrem sobre o trabalho criador da professora alfabetizadora, frente aos desafios enfrentados por estas nas escolas públicas, e ressaltam a necessidade de repensar as práticas de leitura e escrita ensino público para que estas possam ser consideradas uma “atividade cultural complexa” (OLIVEIRA, DIAS, 2024, p. 106), promovendo interações entre pares e envolvendo diferentes funções psíquicas no processo formação das competências escritora e leitora. Assim, quando consideramos a indissociabilidade entre o ato de ensinar e as condições em que ele se realiza, sendo o ensino produzido por sujeitos atravessados por relações institucionais e pelo ensino público, o “modo de ensinar” estará sempre relacionado às circunstâncias de trabalho, aos recursos disponíveis, às expectativas formais e ao contexto sociocultural da turma. Nesse sentido, estas não podem ser analisadas isoladamente, mas sim à luz das condições de produção que enfrentam.

Portanto, a reprodução de listas de palavras, no contexto em que foi observada, pode ser compreendida como uma resposta às condições em que o ensino está se materializando, fazendo com que o recurso pedagógico perca seu sentido inicial. Os artefatos culturais podem ser uma forma de viabilização da necessidade previamente levantada por Oliveira e Dias, quando inseridos como recurso nas práticas pedagógicas alfabetizadoras pensadas para além da escola; esse processo permite que a criança construa sentidos e se aproprie do meio, fazendo-se pertencente ao seu próprio contexto histórico-cultural, pois um recurso pedagógico só é um artefato cultural quando está integrado ao contexto da turma, é acessado intencionalmente e faz sentido no cotidiano escolar, apresentando-se simultaneamente como instrumento psicológico de sentido vigotskiano, ao envolver funções psíquicas nesse processo. Portanto, ainda que organizada em bancos temáticos, a lista de palavras poderia assumir a função de artefato cultural se fosse utilizada de forma acessível e integrada à rotina da turma, fazendo sentido em seus universos e tornando-se efetivamente um instrumento psicológico.

Diante dessas concepções, os limites do trabalho pedagógico no contexto da escola pública estadual foram fortemente considerados quando observadas as práticas desenvolvidas em campo; a presente pesquisa, ao questionar a eficácia de práticas descontextualizadas, produziu uma reflexão sobre como estas podem ser ressignificadas para artefatos culturais. Ainda, a entrevista realizada com a docente responsável pela turma está em processo de análise, fomentando discussões acerca dos critérios adotados para a escolha dos recursos utilizados em sala de aula, bem como as percepções da mesma sobre os artefatos culturais e sua presença (ou ausência) nas relações de ensino-aprendizagem que permeiam o processo de alfabetização. Ainda a partir dessa entrevista, uma crítica análise das plataformas digitais presentes na rede estadual está sendo elaborada, com foco na investigação do impacto que essas ferramentas exercem na autonomia docente e na organização do trabalho pedagógico, além das possibilidades de articulação com os contextos culturais dos alunos. Por fim, possibilidades de inserção de novos artefatos culturais nas práticas alfabetizadoras serão consideradas entendendo em que medida esses recursos podem contribuir para uma alfabetização mais significativa, e que valorize os saberes e repertórios dos alunos. Essa última etapa, articulada ao referencial teórico da pesquisa, sistematiza as ideias levantadas ao destacar o papel do educador como mediador crítico e cultural, o qual pode se capacitar para integrar elementos do cotidiano dos estudantes à prática pedagógica, em consonância com os fundamentos freirianos e vigotskianos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. 13.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: LÜDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli (org.). **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. p. 25-44.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Salas de aula, relações de ensino. In: SMOLKA, Ana Luiza Bustamante (org.). **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 29–45.

OLIVEIRA, Marina Filier; DIAS, Daniele Pampanini. O trabalho criador da professora alfabetizadora: uma reflexão sobre uma prática discursiva de alfabetização. In: SMOLKA, Ana Luiza Bustamante.; NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta (org.). **Educação, escolas e desenvolvimento humano: práticas, dilemas e perspectivas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2024. p. 103-119.